



## **A Prisão do Barão de Itararé no Governo Vargas<sup>1</sup>**

Jairo Faria Mendes<sup>2</sup>

Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ)

### **RESUMO**

Apparício Torelly, conhecido por seu personagem Barão de Itararé, foi preso junto com cerca de 1400 militares e intelectuais simpatizantes de ideias comunistas, como Graciliano Ramos, Nise da Silveira, Olga Benário e Agildo Barata. A prisão veio como reação do governo Vargas à Intentona Comunista. Apparício em seu pouco mais de um ano que ficou detido, com seu humor manteve o ânimo de seus colegas. Ao sair da prisão, o Barão não se intimidou e continuou sua luta bem humorada pela democratização do país e a favor dos trabalhadores e pessoas desfavorecidas.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Barão de Itararé; governo Vargas; Intentona Comunista; Apparício Torelly.

### **Introdução**

O artigo resgata a história da prisão de Apparício Torelly, conhecido como Barão de Itararé, pouco depois da Intentona Comunista, no final de 1935. O jornalista ficou pouco mais de um ano detido, sem ter tido nenhuma participação no levante. Foi talvez o único jornalista que permaneceu por um longo tempo na cadeia, durante o governo de Vargas. A explicação para isso está na repercussão que o trabalho do Barão de Itararé tinha com o público. Seu humor fazia com que suas ideias de esquerdas chegassem a boa parte da população.

É essencial o resgate da memória do Barão de Itararé, um dos principais jornalistas e humoristas da história do Brasil, mas que é desconhecido pelas novas gerações. Também é importante mostrar para as novas gerações exemplos de brasileiros

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estratégias de Comunicação Política, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), e-mail: [jairo@ufs.edu.br](mailto:jairo@ufs.edu.br).



que lutaram pela democracia, pela liberdade de expressão e pela valorização dos trabalhadores e pelas camadas mais pobres da população.

Apparício Torelly é considerado como participante do Movimento Modernista Brasileiro, com seu semanário *A Manhã*, criado em 1926, e é uma grande referência para publicações políticas e humorísticas que surgiram depois, como o jornal *O Pasquim*.

### **Muitas perseguições**

Para entender porque Apparício ficou tanto tempo na cadeia é preciso relembrar um dos fatos mais conhecidos de sua vida. Um episódio triste, mas também muito engraçado, como boa parte das coisas que ocorreram com o jornalista.

Com o *Jornal do Povo*, um periódico comunista que teve poucos números, Apparício fez uma série de reportagens sobre a Revolta da Chibata, o que lhe causou conflitos com a Marinha. O jornalista conversou com o líder da revolta, João Cândido, e reconstituiu os acontecimentos na forma de folhetim. Trazendo uma narrativa bem dramática, com muitos detalhes.

Por causa disso, quando saía de casa, na manhã de 19 de outubro de 1934, o jornalista teve seu carro bloqueado por outro automóvel que interrompeu a sua rua. Deste saíram cinco homens, que se identificaram como policiais, alguns deles armados. Em três carros, dois dos seqüestradores e o de Apparício, dirigiram-se a um local deserto no bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

Eram oficiais da marinha que, de forma covarde, espancaram, cortaram o cabelo e deixaram o jornalista quase pelado numa região muito distante e isolada. Apparício contava que os marinheiros estavam furiosos e pensaram em jogá-lo no mar ou dar um tiro no pé do humorista, para deixá-lo com problemas físicos. No entanto, tiveram medo de terem que responder judicialmente a esse ato de violência.

Ao chegar à redação de *A Manhã*, Apparício pediu que colocassem a placa: “Entre sem Bater”. Como diz Figueiredo (2012, p. 222), “Apporelly escapou ileso no que tinha mais de preciso, seu senso de humor”.

No dia do sequestro, policiais foram à redação do *Jornal do Povo*, recolheram os jornais e o material que estava sendo preparado para a próxima edição. Apparício não se

intimidou, mas não conseguiu prosseguir com a publicação. Como diz FIGUEIREDO (2012, p. 222): “Sua equipe se dispersou e alguns julgaram mais prudente sumir durante algum tempo, como o jovem Carlos Lacerda, que partiu para Minas Gerais, refugiando-se na casa de um primo, em Uberlândia”. *A Manha* também ficou quase dois meses sem circular.

As reportagens sobre a Revolta da Chibata faziam com que Apparício fosse muito visado durante todo o Estado Novo, sendo, provavelmente, o jornalista mais perseguido no período.

### **A difícil tarefa de levar humor na prisão**

Três livros ajudam a entender o período que o jornalista passou na prisão, logo depois da Intentona Comunista: *Entre sem Bater*, de Cláudio Figueiredo; *Memórias do Cárcere*, de Graciliano Ramos; e *Vida de um Revolucionário*, de Agildo Barata.

O ano que Apparício passou preso não foi fácil. Ele sempre fazia as pessoas rirem e ajudava seus companheiros a manter o bom ânimo. Mas, como conta Graciliano Ramos, à noite, quando ia dormir não conseguia conter suas angústias. Duas questões contribuíam para que fosse mais difícil passar pela prisão. Alguns meses antes (em 2 de setembro de 1935) havia morrido sua esposa, que Figueiredo (2012) não revela quem era, usa só a letra “Z” para designá-la. Por isso, seus filhos também ficaram órfãos nesse período, sendo cuidados por um amigo.

O governo aproveitou do levante para realizar uma forte perseguição aos comunistas e, até mesmo, aos simpatizantes. Por isso, em 9 de dezembro de 1935, o Barão foi preso, sendo primeiro levado a rua da Relação, onde ficou por meia hora. Depois foi para outro lugar, definido por Figueiredo (2012) apenas como “um xadrez”.

Passou por várias trocas de prisão e cada lugar que chegava, as pessoas detidas eram “qualificadas”, ou seja, tinham que preencher novamente ficha com informações pessoais. O Barão sempre aproveitava esses momentos para usar sua ironia fina e ferina. Na primeira “qualificação” disse que era “ministro esotérico”, na segunda “livre pensador, mas não com muita liberdade” e, na terceira, “católico apostólico Romano ou Serafim Braga”. Romano era o delegado de Ordem Política e o Serafim Braga, da Ordem Social.

O Barão foi levado, junto com mais 15 presos políticos, para o navio-presídio Pedro I, ancorado na Baía da Guanabara. De acordo com Figueiredo (2012), na embarcação havia dois grupos de pessoas detidas: um formado por médicos, professores e outros profissionais liberais; e um segundo composto por oficiais do 3º Regimento e da Escola de Aviação. Lá o jornalista ficaria por pouco mais de três meses e só sairia por sua ousadia e insistência, no dia 21 de março de 1936.

Os três meses que esteve preso no navio não foram fáceis, mas o Barão manteve o bom humor, e isto ajudou bastante a resolver situações difíceis.

Seu depoimento também é uma peça de humor. Depois de várias respostas irônicas, o juiz insistiu em perguntar se o Barão sabia o motivo por que estava preso. A resposta de Apparício:

Bem, o senhor já está me falando de outra maneira, com delicadeza. Isso pede uma meditação. Vou fazer um esforço de memória para reconstituir os fatos. Ah... Agora estou me lembrando. Quando fui preso, estava tomando um cafezinho. Em casa, tomava muito café. E me diziam sempre: não deve tomar tanto café, isso faz mal, um dia você se arrepende. Só posso atribuir minha prisão ao fato de estar tomando um cafezinho, o que minha família sempre disse que faz muito mal (apud FIGUEIREDO, 2012, p. 250).

Para sair no navio, Apparício também agiu de forma bem ousada, confiante no pensamento positivo. Como diz Figueiredo (2012), o Barão acreditava que com a força do pensamento podia resolver todas as coisas.

Num dia em que chegou uma lancha da polícia, o Barão deu um jeito e entrou na lancha e conseguiu sair do Pedro I.

Assim o Barão foi transferido para a Casa de Detenção, na rua Frei Caneca, onde iria encontrar com vários intelectuais presos como Graciliano Ramos, Nise da Silveira, Olga Benário Prestes e Agildo Barata.

Outro que o jornalista encontraria seria o revolucionário Agildo Barata. Este tinha a revolução em seu sangue, afinal era bisneto do jornalista Cipriano Barata, criador do periódico *Sentinela da Liberdade*.

Agildo Barata era tenente do exército e participou da Intentona Comunista. Ficou 10 anos preso, passou por torturas, fome e maus tratos, o que não ocorreu com o Barão. Agildo só foi liberto no final do Estado Novo, junto com Luís Carlos Prestes e outros revolucionários, em abril de 1945. “Fui o primeiro a ser preso e dos últimos a sair” (BARATA, 1978, p.306).

O Barão ficaria na Casa de Detenção, da rua Frei Caneca, no Rio de Janeiro, até o dia em que seria solto, em dezembro de 1936. Não foi fácil, mas lá pelo menos as condições não eram tão precárias como em outros cárceres, como no presídio da Ilha Grande, para onde Graciliano seria mandado. Na Casa de Detenção, os presos também interagiam e desenvolviam alguns projetos coletivos. Como descreve Figueiredo (2012), os detentos podiam transitar pelas áreas comuns, de sete da noite a sete da manhã. O pátio, conforme Moraes (1993), era chamado pelos presos de Praça Vermelha.

Lá o Barão conviveria com os intelectuais brasileiros simpáticos ao comunismo e alguns oficiais envolvidos com a Intentona. No local, o jornalista também encontraria “O Coletivo”, como descreve Barata (1978). Era um organismo criado pelos presos políticos de esquerda para representá-los diante da administração do presídio.

O Coletivo também promovia atividades artísticas e tinha a rádio PR-ANL, chamada de “Rádio Libertadora”. Na verdade, era a simulação de um programa de rádio feita pelos presos políticos, diariamente. “(...) a rádio era gritada para as galerias” (FIGUEIREDO, 2012, p.258). Segundo Apparício Torelly a rádio tinha a potência de 1.600 velocípedes.

Barata (1978) conta que era comum formarem coros de centenas de presos entoando canções com mensagens socialistas como o “Hino do Brasileiro Pobre”, o “Hino da Aliança” e “Nas Barricadas”.

O Barão tinha papel central neste processo de manter a moral dos presos. “O toque irreverente ficava por conta do jornalista Apparício Torelly” (MORAES, 1993, p.122). Com suas piadas e teorias conseguia confortar os companheiros. Como em sua otimista “Teoria das Probabilidades”:

Ali onde estavam não havia motivo para receio, explicava. Que poderia acontecer? Duas coisas: ou seriam postos em liberdade ou continuariam presos. Se fossem soltos, muito bem, era o que queriam. Se os deixassem na prisão, permaneceriam sem processo e com processo. Se não fossem processados, melhor: poderiam ser soltos mais tarde. Se processados, seriam julgados e, portanto, absolvidos ou condenados. Se fossem absolvidos, ótimo. Se fossem condenados, seriam condenados à prisão ou então à morte. Se ficassem na prisão, melhor: descansariam algum tempo à custa do governo e iriam para a rua. Mas se fossem condenados à morte, seriam indultados ou fuzilados. Se fossem indultados, excelente, não teriam com que se preocupar. Mas se fossem fuzilados, ótimo, porque também não teriam mais com que se preocupar (FIGUEIREDO, 2012, p. 258).

O Coletivo também produzia um jornal manuscrito chamado “O Libertador”. De acordo com Barata (1978) o jornal era “uma verdadeira obra de arte e paciência” (p. 313). Contando com texto muito bem escritos e ilustrações bem feitas.

Mas a prisão não foi nada fácil para Apparício Torelly. Além da angústia de ter deixado seus filhos com um amigo, o jornalista tinha a saúde frágil. FIGUEIREDO (2012, p. 263) descreve assim o encontro de Apparício e Graciliano, ambos muito debilitados: “Sentaram-se num canto à parte, unidos pelo mesmo aspecto doentio: o escritor, figura magra e seca, tinha dificuldade para nadar após uma cirurgia recente; o humorista arrastava uma perna desde o derrame que sofrerá ainda jovem”.

Os dois se consolavam e se ajudavam. Quando vagou uma cama ao lado da de Apparício, este chamou o escritor, que atendeu ao pedido, mas sentiu uma certa melancolia no humorista, que sempre tentava mostrar bom humor. “Meu pobre amigo Apporelly, a sofrer, amável e risonho, lançando trocadilhos em atitude profissional. Doía-me a paciência triste dele, aparentemente alegre” (RAMOS apud FIGUEIREDO, 2021, p. 267). Nos relatos de Graciliano, Apporelly rangia os dentes dormindo e demonstrava um sono muito agitado.

### **A liberdade...**

Em 21 de dezembro de 1935, Apparício Torelly foi solto junto com mais 37 presos políticos. Antes deles serem liberados, foram obrigados a assinar uma ridícula declaração de apoio ao governo e de repúdio às ideias socialistas.

O sofrimento que Apparício passou na prisão não fez com que ele renegasse suas posições políticas. Pelo contrário, fortaleceu suas convicções. Até a morte seria socialista, acreditando que a solução para o mundo estava no fim da propriedade privada e da divisão da sociedade em classes.

Nove meses depois de solto, Apparício assinou um manifesto em defesa da Espanha Republicana, publicado no jornal literário *Dom Casmuro*. Poucos meses depois, com a divulgação do falso Plano Cohen, o Congresso decretava “estado de guerra” dando muito poderes ao presidente (que há anos já era tratado em *A Manhã* como “o ditador Vargas”).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Odailton Aragão. **O Riso na Mídia: O Barão de Itararé e Seus Almanhaques - Os Almanhaques do Jornal A Manhã.** Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. PUC-São Paulo: 2006. 240p.

ANDRÉ, José Mendes. **Quem Não Chora Não Mama: Panorama do Design Brasileiro Através do Humor (1837-1930).** Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo (USP). 2010. 315p.

ANDRÉ, José Mendes. **Elementos para uma Leitura da Obra de Apparício Torelly, o Barão de Itararé.** Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo (USP). 2004. 288p.

BARATA, Agildo. **Vida de um revolucionário (memórias).** São Paulo: Alfa-Omega, 1978. 415p.

BAKTHIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais.** São Paulo: Hucitec, 2013.

BENEDITO, Mouzar. **Barão de Itararé: Herói de Três Séculos.** São Paulo: Expressão Popular, 2007. 104p.

BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio sobre o Significado do Cômico.** São Paulo: Edipro, 2018. 127p.

EAGLETON, Terry. **Humor: O Papel Fundamental do Riso na Cultura.** São Paulo: Ed. Record, 2020. 153p.

FELIX DE SOUZA, Afonso. **Máximas e Mínimas do Barão de Itararé.** Rio de Janeiro: Record, 1985. 191p.

FIGUEIREDO, Cláudio. **Entre Sem Bater: A Vida de Apparício Torelly, o Barão de Itararé.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012. 479p.

MORAES, Dênis de. **O Velho Graça: Uma Biografia de Graciliano Ramos.** 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. 408p.

RAMOS, Graciliano. **Memórias do Cárcere.** São Paulo: Editora Record, 2011. 45ª ed. 358p.